

FICHA TÉCNICA

Músicas, letras originais e Direção Geral:
Eliseu Paranhos
Arranjos: Eliseu Paranhos e Vinicius Davidovitch
Violão: Vinicius Davidovitch
Piano: Demian Pinto
Backing Vocal: Juliana Fagundes e Vinicius Davidovitch

Figurinos e Visagismo: Lord Lu
Produção de Figurinos: Elen Zamith
Confeção de Figurinos: Ateliê Lois Ferrari
Bordados: Milena Facundini
Acessórios: Tetê Ribeiro
Desenho de Luz: Tomate Saraiva
Design Gráfico: Paula De Paoli
Ilustração: Lord Lu
Fotografias: Juliana Fagundes
Produção Executiva: Eliseu Paranhos
Direção de Produção: Eliseu Paranhos

Equipe de Pré, Pós e Produção de Vídeo

Diretor de Cena - Ladislau Kairdos
Produtor Técnico - Gabriel Mussolino
Diretor de Fotografia - Eduardo Lima
Câmeras - Bruno Alcantara e Eduardo Lima
Editor Finalizador - Vinicius Pires
Gravado e Mixado por Eric Yoshino
no Estúdio 12 dólares

Produção



Realização

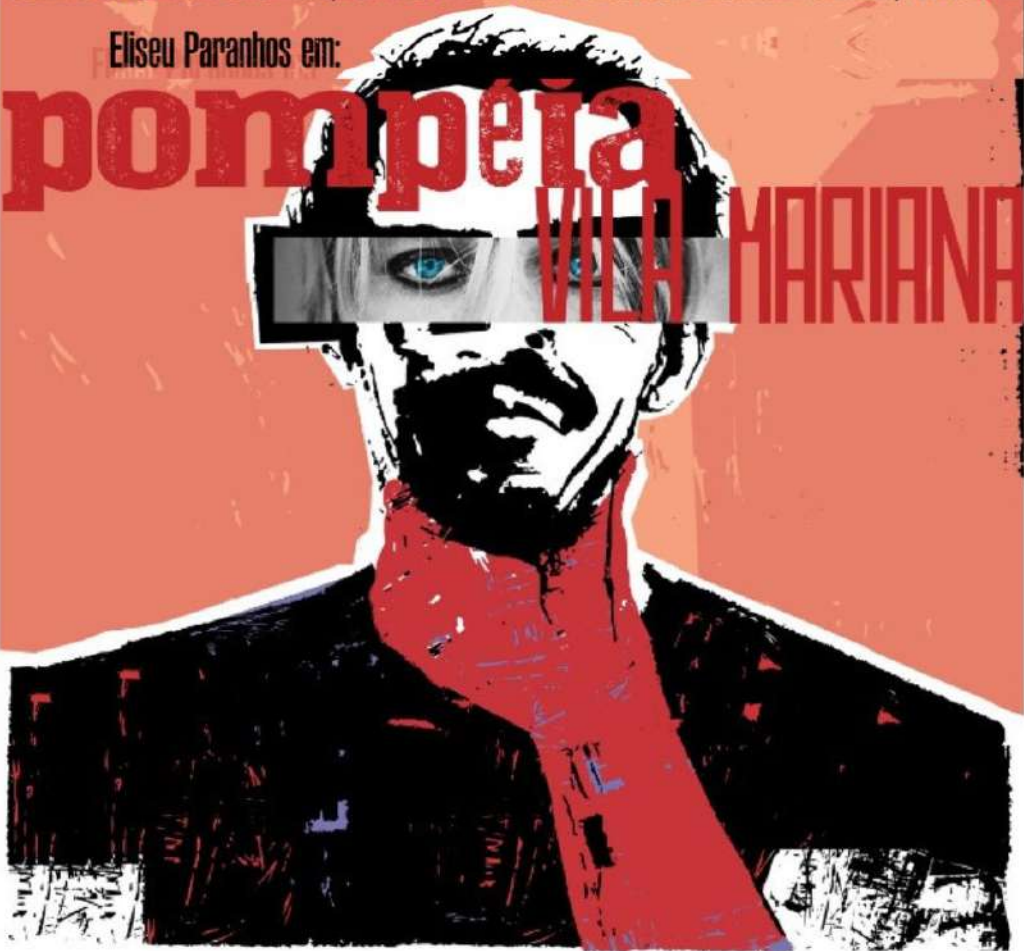


GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA, APRESENTA

Eliseu Paranhos em:

pompeia

VILA MARIANA





“Pompéia-Vila Mariana” é um show com 11 canções que, em conjunto, contam uma história. Foi francamente inspirado em trabalhos de Lou Reed e David Bowie. A vontade de homenageá-los não é recente, mas ganhou novos contornos com a abertura dos editais emergenciais PROAC Lab.

No show, o narrador conta a história de como conheceu Ronie, um garçon que aspira ser músico, como se apaixonaram, viveram dias intensos entre festas, álcool e drogas, e de como Ronie desaparece de sua vida, imerso em melancolia e dor.

O micro cosmo romântico (a relação de amor entre dois homens) com fim trágico, ecoa no macro. Se o Brasil, com suas relações sócio-econômicas colonialistas, dificulta a ascensão social de um homem da classe operária, tudo fica pior num momento em que o país amplia suas desigualdades graças ao caos político e econômico em que nos metemos. O particular e o coletivo se misturam nas letras das canções que constroem o novelo narrativo desse drama urbano repleto de frustração e impotência.

Nas condições excepcionais em que estamos trabalhando, optamos por realizar o concerto em um estúdio de gravação, o “12 Dólares”. O local serve de cenário para as diversas canções. Na verdade, mais do que um concerto, o trabalho soa mais como um imenso vídeo-clipe, com cerca de 50 minutos de duração.

Impossível não citar improváveis parceiros de jornada, pessoas que não conhecia até poucos meses, e que foram fundamentais para a realização do trabalho. Gabriel Mussolino e sua “Seu Menino Filmes” foi interlocutor fundamental. Ladislau Kardos fez parte de todas as decisões importantes que foram tomadas durante a realização do projeto - estéticas e técnicas. Obrigado.

E há os parceiros de sempre. Juliana, Vini, Demian, Lu, Paula, Ellen e Tomate. Amo vocês.

Assim como esse show, há uma grande leva de projetos de teatro, música, dança, circo, etc, que virão no bojo da lei Aldir Blanc. Mais um que perdemos durante a pandemia. As músicas me ajudaram a sublimar a dor. Que elas ajudem você também. Porque a arte faz as coisas fazerem sentido.

Eliseu Paranhos

AS LADEIRAS DA POMPÉIA

Da Alfonso olho a Pompeia
Abaixo tudo é história
Salve Antônio, Salve Roberta!
Sempre é tempo pra memória!
Do Água Preta, rio invisível
Minhas lágrimas são parte,
agora
Salve, Rita Lee! Salve Dona Lina!
O mundo desce a ladeira!

Sobe, poesia, desce miséria
Nas ladeiras da Pompéia
Chuva que inunda, mão
deletéria
Nas ladeiras da Pompéia

Nossos filhos no colo do PM que
mata o preto bem longe daqui
Às vezes a Pompéia é o avesso
da beleza, o ódio ereto gerado
no afeto
A suja Praça da Nascente me
acolhe indiferente à minha dor
Do alto se vê a cidade que es-
conde a maldade disfarçada de
amor

Sobe, poesia, desce miséria
Nas ladeiras da Pompéia
Chuva que inunda, mão
deletéria
Nas ladeiras da Pompéia

O VIOLÃO DE QUATRO CORDAS

Na rua, de madrugada, na primeira vez
que o Vi ele tocava sem as cordas mais
graves, um violão
De grave já basta minh'alma, disse,
prestes a Sorrir
No fim serei sempre eu que terei a
por um fio
Servia bebidas de dia, mas à noite
servia Canções
Aos noias, aos loucos
Passando a me servir então
Eu não fazia seu tipo, ele disse
Não era quem sempre quis
Não caibo no mundo
Quem sabe você caiba em mim

Nu, testa suada, deitado na cama,
Lençóis aos seu pés
Olho o corpo, penso em alma espelhada
aguardando o revês
eu procurava a morte
E num lance de sorte, o que pesquei?
Alguém com a dor lancinante
Que num instante, será minha também

Ele não queria nada
Eu ansiava que doesse mais
Eu sangue, eu faca
Ele colisão também

Deitou-se ao meu lado, choro calado,
Confesso que não resisti
Seremos amantes
Quero prende-lo aqui

Agora dorme sua morte
Enquanto espero cair outra vez

O AMOR ME COLHEU

O AMOR ME COLHEU
ESTAVA PLENO ALI
SE ALGUÉM GRITOU NADA ESCUTEI
SÔ SEI QUE EU TE AMEI
DOIS CORPOS ARDENTES
TAO SUJOS QUANTO INOCENTES
NOS NOS GANHANDO, EU RASTEJANDO
QUERENDO SER FELIZ
AH! COMO PRECISO RESPIRAR TEU AR
SEI QUE MEUS LÁBIOS MATAM TUA
SEDE DE AMAR
TESTE, SE QUISER, A QUALIDADE DO
QUE TE DOU
SUPORTO O LASTRO, FINJO, ME
CASTRO
SÔ PRÃ PROVAR QUE AINDA SOU TEU

VEM PARA O MEU COLO
SEREI MÃE, AMIGO, IRMÃO
DAREI A PAZ, SEREI VORAZ E MATAREI
TUA SOLIDÃO

A DESCOBERTA DO MUNDO

À NOITE A CIDADE LIBERTA
JUNTOS NINGUÉM NOS BRECA
E NÃO TÍNHAMOS NENHUMA PRESSA
VIVÍAMOS O TEMPO DE GRITAR
AS DROGAS, O ÂLCOOL
NADA PARECIA O BASTANTE
UM POUCO É TUDO
E VIVÍAMOS DE SONHOS E AMOR

A DESCOBERTA DO MUNDO (EU SOU,
EU SOU!)
TODA A POESIA (EU SOU, EU SOU)
COMIGO ELE SEMPRE VAI MAIS
FUNDO
POR QUE MEU CORPO É SUA PROFE-
CIA

TODOS OS TIPOS, TODOS OS MEIOS
POETAS, ATRIZES, MACONHEIROS,
AQUELA GENTE EXCITANTE,
NADA ERA MAÇANTE
ELE NÃO SE CANSARÁ DE MIM

A DEMISSÃO

Ele foi demitido
Isso é muito ruim
Demitido
Será nosso fim
Não que gostasse do que fazia
Mas era o que lhe permitia
Dar à esposa e filhos uma grana
E meter em mim em minha cama
Morava na churrascaria
a reputação não arriscaria
Mas vinha para mim sempre à
noite
Fazer amor como um açoite

Ele foi demitido
Putá mundo cão
demitido
Tô sem chão

Passo agora os dias dizendo
coisas tolas e cansativas
Como se isso fosse resolvendo
Nossas baixas expectativas

escreveu curtas poesias
rasgou todas e desistiu
Parecia achar que eram vazias
Chegou a ficar hostil

Ele foi demitido
baita mundo injusto
demitido
Ter filhos tem custo

Ele está mudo sem reagir
não podemos nem fugir
que vida dois homens terão
Parece que sonhos, sonhos são

A MAIS VALIA

HOMENS POBRES NÃO FAZEM POESIA
TEM MUITO PESO A TAL "MAIS VALIA"
TUDO QUE É ÚTIL PARA O CAPITAL
VAI LHE FAZER MAL
SE PARA SERVIR NASCEMOS
FAZER ARTE NÃO PODEMOS
OLHEM A AUDÁCIA DESSE PÉ RAPADO
É MUITO POUCO LETRADO

HOMENS POBRES NÃO FAZEM POESIA
HOMENS POBRES NÃO FAZEM POESIA
HOMENS POBRES NÃO FAZEM POESIA

ESCALEI MUITOS MUROS
MEUS CAMINHOS FORAM DUROS
SERVI MUITO TEMPO E QUANDO EU PUDE
FUGI DE FORMA ATÉ MESMO RUDE

TEM MUITO PESO A TAL "MAIS VALIA"
TEM MUITO PESO A TAL "MAIS VALIA"
TEM MUITO PESO A TAL "MAIS VALIA"

O GARÇON ACHOU QUE ERA SÓ FREQUENTAR
E LOGO PODERIA SE EXPRESSAR
E QUANTO ÀS TAREFAS TIDAS COMO
SUBALTERNAS
SEM ESSES VASSALOS FICAMOS MAL DAS
PERNAS

HOMENS POBRES NÃO FAZEM POESIA
TEM MUITO PESO A TAL "MAIS VALIA"
TUDO QUE É ÚTIL PARA O CAPITAL
VAI LHE FAZER MAL

O ROUBO DO BAIXO

Certa manhã,
o baixo
da santa Ifigênia
Sumiu
Suas roupas que
Vira e mexe
ficavam no chão
Espalhadas
Se foram
Sem rastros
Sem bilhete
Ronie também
Sobriram o cheiro no
lençol
Na toalha de banho
Seu alito sempre
Em mim
Sobrou a mancha de suor
Na camisa listrada
Que um dia
Lhe emprestei

Ah, o baixo era meu
Eu emprestava
mas tinha a nota fiscal
Que provava
Ah, o Ronie era meu
Eu emprestava
Mas tinha seu cheiro
Em mim Que provava
Que era meu

Um dia desses,
o baixo
Que me pertence, de repente
Volta prá mim
Tinha o case
Que era barato
Mas protegia
As cordas
Sem afinação
O baixo
O Ronie
Sem um arranhão

Vou limpar com gosto, esfregar
muito
Para me livrar
Do que me lembre você

E logo
Tirarei da memória
Essa escória
Em que se transformou

Ah, o baixo era meu
Eu emprestava
Mas tinha a nota fiscal
Que provava

Ah, o Ronie era meu
Eu emprestava,
Mas tinha meu cheiro em você
Que provava
Que era meu



OS OLHOS AZUIS DE KURT COBAIN

Essa é uma canção de desencanto
Essa é uma canção de desencanto
também
Essa é uma canção prá ver além
Dos olhos de Kurt Cobain

Depois de longo tempo sem sinal
Nos vimos num lugar central
Eu continuo entre os ateus
Ele me diz que encontrou deus

Que frequenta um bom dentista
Que passa longe de artista
Que quase pode dizer que é feliz
foi isso que sempre quis

Penso em como quis esse cara
Em quanto lhe tenho afeto
mas penso também
Na alma blue de Kurt Cobain

Seu olhar me atravessa
Como se visse através de mim
Me pede que faça uma promessa
De que eu também ficarei bem

Nenhuma palavra sobre amor
Ou sobre as dores da separação
Fingia que era possível esquecer
O que foi e não há mais de ser

Penso no quanto foi bom mudar
minha trilha
Ouvir novos sons
mas penso também
na alma blue de Kurt Cobain

Penso em laços e nós coloridos,
vibrantes
Gravatas atadas
e penso também
nos olhos azuis de Kurt Cobain

O ENFORCADO

Veja! O enforcado!
A carta para quem não quer sair
estofado!
Veja! Se a direção está errada
Faça como eu: livre-se dessa
canoa furada

Se você quer vencer na vida
grandes sonhos realizar
Sacrifícios serão exigidos
A felicidade tem seu preço!

Veja! Desandou!
Era tanto vai e vem que o pobre se estrepou
Veja! Saio iluso!
O trem descarrilhou, mas voei pois não tenho
muito peso

Penetre no interior de seu eu
Dedique-se à reflexão
A carta do enforcado indica
sempre a direção

Veja! Seja otimista!
Os bons pensamentos suavizam os contornos da
pista
Veja! É só um tombo!
Tire a corda do pescoço e assimile o rombo!

Oremos a esses homens
Que aplicando em si a pena capital
Nos poupam de assitir
a esse ato abismal

Veja! A vida sempre permanece!
Não é uma morte qualquer que ameaçará
a espécie
Veja! Leia a minha mão!
Sou ou não sou um exemplo de superação?

A MEMÓRIA

Na foto sobre a mesa
estamos juntos
Finjo não saber quão
triste está você

Na foto sobre a mesa
Tenho futuro
Serei feliz
Alguém irá perder

Nada parece lembrar
De nosso imenso medo
Do abraço prá aquecer
e esquecer

Não quero nem memória
Não quero nem memória

Na foto sobre a mesa
Estamos sós
E frustrados
tudo se desfez

a foto sobre a mesa
Agora é pura ficção
Ao menos
Um de nós irá sobreviver

esquecerei de você
quando o álcool deixar
Quem sabe nem precise
acordar

Não quero nem memória
Não quero nem memória

Tenho estado indiferente
não sinto nada
Quero um inverno constante
E assim me manter
O meu medo de seguir você
É tão imenso
Meço meu pulso, conto as
batidas, finjo não ver
Vou nos rever para sempre
No espelho, nos seus olhos
No sangue, nas mãos

Não quero nem memória
Não quero nem memória

A VILA MARIANA

Entre a casa da pompéia e as varandas
gourmets da vila
O tempo passa a terra gira

Hoje é 28 brumário,
dia da nova revolução
a Vila está em profusão

Apurados todos os votos, Perdemos nós os tortos,
a poesia se fode mais uma vez mais

A tortura elogiada agora está no poder
Mas para a vila, tá tudo bem

Ronie perdeu a cabeça, a vila tá em festa
Que nos viremos para enterrar nossos mortos

A vila solta fogos, bate panela!
É pouco juízo nenhuma empatia,
Foda-se favela

Do alto vejo a mão repressora,
usurpadora de qualquer liberdade

O laço aperta o pescoço
Aconteceu com Herzog e com Ronie
mas por aqui nenhum alvoroço

A vila tá em festa, que venham os novos tempos
que toda a alma blue nos proteja

